

## **A ANATOMIA NARRATIVA DO WEBJORNALISMO 2.0:** A perspectiva histórica das funções e competências a partir do aumento da interatividade<sup>1</sup>

Marco Aurelio REIS<sup>2</sup>

Doutor

Universidade Estácio de Sá (RJ) e PPGCOM UFJF (MG)

### **Resumo**

Mobilizar saberes, informações e capacidades ante situações novas e desafios ao observar o passado é um dos fundamentos do conceito competência (PERRENOUD, 1999). A proposta do presente artigo, fruto de pesquisa feita no âmbito do programa de Pesquisa e Produtividade da Unesa-RJ, é compreender a anatomia narrativa do webjornalismo 2.0 a partir de conceituações prévias sobre esse tema no telejornalismo (PICCININ & SOSTER, 2016; EMERIN, 2020 e THOMÉ, PICCININ e REIS, 2020) que engendraram novas funções e competências profissionais, também a partir de outras conceituações (REIS & THOMÉ 2017 e 2018; THOMÉ & REIS, 2020), que até os dias atuais se configuram como desafio profissional para jornalistas e estudantes de jornalismo. Assim, com base nos conceitos de anatomia narrativa, funções e competências, e interatividade, o estudo busca discutir, a partir da metodologia estudo de caso (YIN, 2011), a anatomia narrativa que levou a um conjunto de funções e competências do *webjornalismo 2.0* e que até se configura como uma forma em expansão do Jornalismo.

**Palavras-chave:** História da Mídia digital; Funções e Competências; *Webjornalismo*, Anatomia Narrativa

### **Introdução**

Com o aumento da interatividade pela web, no início do século XXI, surgiu um novo conceito de informação batizado de *webjornalismo 2.0*, olhar derivado de Web 2.0, termo formulado por Tim O'Reilly, ao constatar aumento exponencial da conexão entre usuários e as plataformas digitais e usuários entre si. Empresário incentivador dos movimentos em prol de softwares livres, O'Reilly referiu-se, em 2004, à segunda geração da web, a rede mundial de computadores ligados à internet<sup>3</sup>. Consolidada ao longo dos anos 90 como web transpositiva, ou simplesmente Web 1.0<sup>4</sup>, a web entrou nos primeiros anos do milênio reconfigurada graças a ferramentas que facilitaram as conexões entre as pessoas e entre as

<sup>1</sup>Artigo apresentado no GT História das Mídias Digitais, integrante do XIII Encontro Nacional da História da Mídia.

<sup>2</sup> Doutor. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, coordenador do curso de Produção Audiovisual da Unesa-RJ e bolsista do Programa de Pesquisa e Produtividade da Unesa-RJ. E-mail: marco.reis@estacio.br

<sup>3</sup> A primeira fora popularizada em 1991, graças a uma interface gráfica amigável em relação seu protótipo original.

<sup>4</sup> Levando para ciberespaço, por exemplo, jornais impressos como eles estavam nas bancas. Conteúdo “estático e com a interatividade mediada por e-mail, sem a instantaneidade contemporânea, e marcada pelos primeiros passos dos buscadores Cadê e Google e serviços como o Hotmail” (REIS, 2021)

peças e as empresas, moldando uma nova cultura, nos termos de Henry Jenkins, Joshua Green e Sam Ford (2013).

Tal alteração no modo de funcionar da web marcou profundas transformações no *webjornalismo*, em particular, e no Jornalismo, de maneira geral, sobretudo no que diz respeito à relação dos usuários e dos leitores com os meios de informação e comunicação. Formaram-se comunidades de usuários em uma gama de serviços, tais como redes sociais digitais e blogs. Meios colaborativos no formato wiki<sup>5</sup> e chats foram aos poucos se expandindo, aumentando de forma exponencial a comunicação entre leitores, ouvintes e telespectadores com os veículos de comunicação. Se primeiramente a demorada carta e, posteriormente, os ágeis telefone, fax e e-mail estavam estabelecendo historicamente a interação entre os veículos e seu público, com tais novas ferramentas da Web 2.0 essa interação ficou instantânea, volumosa e veloz, chegando a gerar um gap real para sua manutenção efetiva na cadeia tradicional do jornalismo.

O colaborativíssimo wiki (re)configura, então, a relação dos usuários com os veículos o que, em 2013<sup>6</sup>, em meio aos protestos nacionais contra o aumento das passagens de ônibus no Rio de Janeiro, São Paulo, Goiânia e Natal, surpreendeu a mídia com a tomada das ruas sem aviso prévio nos meios convencionais. Multidões protestavam nas ruas e a mídia não tinha controle para antecipação de modo a se preparar para a cobertura<sup>7</sup>. Tal experiência, três anos antes, reunira manifestantes em países árabes pela democracia e contra os governos autoritários sem que os governos locais pudessem armar reações em função do mesmo princípio colaborativo e uso das ferramentas de relacionamento massivo da Web 2.0, as redes sociais digitais.

Pesquisa documental-acadêmica, a partir da metodologia estudo de caso (YIN, 2011), possibilitou abrir janelas de observação nos primeiros anos deste milênio de modo a buscar funções e competências apresentadas, sobretudo entre 2000 e 2015, para construir um sistema ligando competências surgidas nas redações brasileiras com as que têm sido observadas

---

<sup>5</sup> Wiki, termo havaiano que pode ser traduzido como veloz e ligeiro, passou a ser usado como referência para sites colaborativos, cujo conteúdo pode ser alterado pelos usuários. (REIS, 2018)

/

<sup>6</sup> In <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/06/preco-da-passagem-de-onibus-provoca-manifestacoes-pelo-pais.html>

<sup>7</sup> Diga-se, a mídia não era bem vista pelos manifestantes, que interagiam entre si de modo a definir os pontos de encontro de forma instantânea sem mediação de veículos de comunicação uma vez que nova forma de comunicação grupal estava consolidada.

contemporaneamente na linha de pesquisa “Novas Funções Competências do Jornalismo”, no Grupo de Pesquisa Narrativas Midiáticas e Dialogias (CNPq/UFJF).

Desafios encarados pelos profissionais desde o incremento da interatividade (muitos ainda sendo enfrentados no presente momento) geraram situações-problema das quais emergiram competências que são elemento central do fazer jornalístico contemporâneo no que tange o relacionamento com seus públicos. Nesta observação, identificou-se uma anatomia narrativa do *webjornalismo*, uma gramática do fazer, cuja respiração está na situação-problema tagueada pelo termo interatividade.

Tal anatomia se configura em uma formatação que passa por experiências práticas nas redações, por avanços tecnológicos e pela propagação de práticas entre os públicos. Como essa formatação é constante, a anatomia narrativa construída a partir da interatividade vem se fortalecendo com ferramentas desde o extinto Orkut<sup>8</sup> à contemporânea DTV Play, a ferramenta que, a partir deste ano de 2021, passa integrar as smart TVs produzidas no Brasil expandindo a interatividade da web, dos sistemas de jornais digitais e TV por assinatura para TV aberta.

## **2. Interatividade de complexa administração nas redações**

A revolução nas formas de interação modelou a interatividade e os elementos com os quais as redações tiveram e ainda têm de lidar, engendrando novas funções e competências para os profissionais de jornalismo. Ações como divulgar um número do aplicativo WhatsApp dos veículos de comunicação para estimular o colaborativismo de leitores, ouvintes e telespectadores logo se mostrou de complexa administração em função das características da Web 2.0.

A Web 2.0 também é chamada de web social devido à abordagem colaborativa e à interação social dessa ferramenta. A Web 2.0 é uma atitude voltada para a comunicação que utiliza tecnologia. O uso da Web 2.0 é voltado para a interação em redes sociais, que podem fornecer conteúdo, criando sites interativos e visuais. Em outras palavras, os sites da Web 2.0 atuam como pontos de encontro para os usuários, pois são bidirecionais, ao contrário da Web 1.0, que é unidirecional. Com o advento da Web 2.0, ocorreu um fenômeno social que mudou para sempre a nossa relação com a informação e a comunicação, principalmente porque nos tornou parte dela. (LATORRE, 2018, pg. 3)

---

<sup>8</sup>Rede social filiada ao Google, criada desativada em 2014 em função da expansão do Facebook e do Twitter após 10 anos de existência e imenso sucesso no Brasil, onde chegou a ter 27 milhões de usuários quando foi superada pelo Facebook, segundo o Instituto Kantar Ibope Media.

Professor da universidade de Lima, no Peru, Latorre vai lembrar do controle sobre leitura e compartilhamento nas redes sociais e o modo como este controle determina mudanças no Jornalismo.

Como acontece com qualquer marco na história da humanidade, a democracia associada à Web 2.0 teve um sério impacto nos meios de comunicação tradicionais, principalmente naqueles que não souberam se adaptar a essa nova onda de liberdades. A última década assistiu ao nascimento de vários jornais e revistas independentes que conseguiram se estabelecer e obter grande sucesso em todo o mundo, em oposição ao declínio de ex-colossos da maioria dos meios de comunicação. (LATORRE, 2018, pg. 4)

Um bom exemplo dessas mudanças é a narrativa jornalística a partir das colaborações, muito elogiada e estimulada, mas que se configura um problema de gestão em função do volume. Este foi o caso da marca de 1 milhão de colaborações no RJTV<sup>9</sup> alcançada em 2015. O expressivo número virou notícia no próprio telejornal<sup>10</sup> e foi analisado pela academia (MUSSE e THOMÉ, 2015), mas pouco se falou da dificuldade de administrar tamanho volume de informação mesmo com centrais de mensagens e profissionais destinados para essa triagem e apuração.

Como manter uma real interação e garantir o uso de colaborações em tal volume? Como não frustrar seu público ignorando ações colaborativas consideradas relevantes para este público? Estas e outras questões, ainda sem resposta, marcam essa mudança da relação entre o público e os veículos, levando a reflexões sobre interação (dos meios com seu público) e sobre interatividade (a efetiva troca entre os meios e seu público).

Em pesquisa que deu origem ao presente trabalho, denominada novas funções e competências do jornalismo impresso (REIS, 2018), profissionais já relatavam a frustração de não ter como responder a todos os colaboradores assíduos e certificados. Algo que se evidencia quando estes fazem perguntas pessoais, como, por exemplo, o valor do piso salarial dos empregados domésticos, e parar quando para responder representa desvio da atividade de apuração do jornalista.

A partir do pensamento da filóloga espanhola Remei GONZÁLEZ MANZANERO (2020), questões como cortesia e descortesia e ações de gestão da interação dos usuários com

---

<sup>9</sup> Telejornal da TV Globo hoje chamado simplesmente RJ1e RJ2, exibido na região metropolitana do Rio de Janeiro (RJ) e no chamado Grande Rio.

<sup>10</sup> “Central do RJTV recebe mais de 20 mil imagens por dia dos telespectadores” - <https://globoplay.globo.com/v/4213097/>

os meios e dos usuários dos meios entre si ainda não dão conta da complexidade dessa relação quando se leva em consideração os conteúdos e não apenas o número absoluto.

Isso pode ser uma tarefa difícil, especialmente quando o número de comentários é alto porque, apesar do fato de que os mecanismos de coesão que tornam explícitas as relações entre os comentários o fazerem de forma inequívoca, eles não mostram claramente essas relações. Jornais digitais, como LaVanguardia.com ou e-Notícias, optaram por amenizar essa dificuldade com uma estratégia estrutural que consiste em classificar visualmente os comentários e com o qual os usuários respondem explicitamente a um comentário específico, refletindo claramente a ordem das intervenções. Por um lado, isso melhora a "usabilidade"; por outro lado, no plano estrutural, acarreta uma mudança na superestrutura do conjunto de comentários e mudança nos mecanismos de coerência (em e-Notícias, por exemplo, não há recurso de menção). Em suma, uma análise detalhada dos gêneros digitais e de suas possibilidades de comunicação contribui para a otimização do ambiente estrutural e, conseqüentemente, da interação no discurso. GONZÁLEZ MANZANERO, 2020, p. 91).

Assim, as potencialidades da interação mercadológica, política e tecnológica, apesar de velhas conhecidas pelos gestores dos veículos de comunicação e pelos jornalistas da web e dos demais ambientes digitais, ainda não são perfeitamente administradas. Ter, por exemplo, informações para veicular no rádio e no webrádio vindas da colaboração de taxistas e motoristas de Uber sobre as condições do trânsito urbano, garantindo um serviço de qualidade para ouvintes e webouvintes, não pode ignorar que um conjunto expressivo de colaboradores não será citado, sendo desestimulado a continuar com tais colaborações ou mesmo sendo estimulado a criar um serviço aberto, tendo si próprios como sujeitos comunicacionais.

### **3. Anatomia narrativa construída a partir da expansão da interatividade**

Termo usado pela medicina, anatomia deslizou primeiramente para literatura, sendo uma forma de observar um texto em análise dentro do modelo crítica literária, conforme prevê a obra *Anatomia da crítica*, de Northrop FRYE (1957), conjunto de quatro ensaios sobre princípios e técnicas da crítica literária. Modelo considerado base da atual crítica, a anatomia de Frye buscava uma cientificidade que, segundo ele e seus seguidores, não se alcançava na chamada crítica impressionista. A mesma preocupação levou autores de estudos sobre o telejornalismo no Brasil (PICCININ & SOSTER, 2016; EMERIN, 2020, THOMÉ, PICCININ e REIS, 2020) a pensarem em uma forma de dissecar a narrativa telejornalística de modo a compreender, por exemplo, como ela se configurou nos últimos 70 anos ou como

se reconfigurou para enfrentar a pandemia do Covid-19. Trata-se da composição da narrativa jornalística, considerando elementos, formatos e estratégias, que carregam produções de sentido e que se (re)configuram em determinados contextos midiáticos, considerando seus aspectos culturais, sociais e tecnológicos.

Derivando desses olhares fundantes, é possível identificar uma anatomia específica no *webjornalismo 2.0*, engendrando funções e competências para os jornalistas, decorrentes do mencionado aumento da interatividade no momento da Web 2.0. Exatamente como um corpo (NETTER, 2008), com cabeça, tronco e membros com características próprias (sistêmicas e topográficas) e com olhar investigativo (anatômico e de superfície) conhecido como UX (experiência do usuário) é possível dissecar os efeitos da ampla interatividade no *webjornalismo* e no jornalismo digital.

Elemento do biosmidiático (SODRÉ, 2002), o jornalismo na web inaugura nos anos 2000, notadamente na primeira década do milênio, um formato peculiar. Diante da expansão da interatividade entre seus usuários, teve de implantar uma escuta nas redes sociais digitais, numa ação que ficou conhecida pelo termo *gatemwatching* (BRUNS, 2011), criando nas redações a função de gestor de redes, uma competência que os profissionais logo tiveram que desenvolver.

Gestor de redes sociais (é o) profissional responsável por monitorar as redes sociais do jornal, com foco no modelo *gatemwatching*, captando conteúdos e informações e mantendo diálogo com o público, dando o retorno a suas demandas por esses canais e interagindo diretamente com essa audiência por meio de postagens, mensagens ou enquetes pelo Facebook. Necessário relatar ocorrências aos repórteres e editores, de modo a orientar o que deve ou não ser aprofundado na construção de pautas. (REIS & THOMÉ, 2018).

Já diante dos episódios de 2013 contra o aumento de passagens, outra configuração anatômica foi a convocação de colaborações pelas redes sociais digitais e por meio do aplicativo Whatsapp (REIS & THOMÉ, 2017) criando nas redações a função de “escuta” do aplicativo, uma competência que os jornalistas também tiveram que desenvolver, mas que logo se apresentou como um desafio em função do volume de colaborações enviadas e o número limitado de profissionais para administração dessa demanda.

Ou seja, a anatomia do *webjornalismo 2.0* tem como cabeça a interação e como ação sistêmica desafiadora a gestão dessa interação, trazendo para o campo uma radical transformação na forma de ser fazer jornalismo. Tal mudança ocorre em decorrência das possibilidades de envio e recebimento de conteúdos inéditos e exclusivos, antes impensados

por condições técnicas, como a impossibilidade de estar no local do acontecimento noticiado a todo momento.

Para se mover neste ambiente de tanta interação, o *webjornalismo 2.0* teve que se preocupar com os conteúdos falsos ou antigos enviados a título de colaboração. Para garantir essa movimentação segura foi necessário desenvolver a competência de curadoria. Certificar que a colaboração merece atenção para checagem ou traz material confiável a ponto de ser publicado passou a ser uma ação rotineira nas redações jornalísticas nesse cenário inaugurado com a Web 2.0.

A centralidade do audiovisual no jornalismo também trouxe um elemento comum a sites, jornais digitais, portais e web rádios: a introdução de vídeos, feitos por meio de celulares por repórteres, enviados por colaboradores ou resgatados de câmeras de segurança (vigilância). Com os vídeos, todo um sistema de circulação das imagens foi necessário para sua veiculação nos ambientes digitais. Editores e produtores passaram a ser necessários, bem como cinegrafistas. Alguns profissionais desses veículos, sem passagem por emissoras de TV, tiveram de desenvolver tais competências audiovisuais. Logo as redações passaram a contratar profissionais já com essas expertises aprendidas na formação universitária nas faculdades de comunicação, sendo diferencial a multifunção e o desempenho tendo como equipamento apenas um smartphone.

Elementos anatômicos como a pesquisa e o texto jornalístico também se transformaram, sendo oxigenados pela Web 2.0. Os sites de busca, os dados estatísticos disponíveis em sites confiáveis ou por meio da lei de acesso à informação alteram a pesquisa jornalística de tal maneira que o jornalismo de dados passou a contar com equipes e espaço editorial em toda a mídia. As mesmas ferramentas de busca levaram o texto jornalístico a ser incluído nas preocupações da arquitetura da informação dos web ambientes: ter nos títulos e nos leads os termos buscados passou a ser uma preocupação do web jornalista 2.0 ao lado do texto criativo e final, sem necessidade de revisores ou *copydesks*, funções desaparecidas com a informatização total das redações na década de 1990 .

Diante dessa nova anatomia, 11 funções e competências podem ser listadas como inauguradas no *webjornalismo 2.0*, após abertas janelas para observação (YIN, 2011). Levantadas a partir de observação participativa e entrevistas com profissionais do setor no Rio de Janeiro e em São Paulo, uns em atividade e outros já afastados, de modo a obter descrição detalhada e confirmação que desde então integram como elementos comuns à

anatomia das redações de sites, portais, jornais digitais e emissoras de rádio e TV na nova cadeia do jornalismo digital.

### Interatividade maior leva a mudanças nas redações 2.0

<b>Função</b>	<b>Competência</b>
Gestor de mídias sociais	Profissional que administra os sistemas projetados para possibilitar a interação social a partir do compartilhamento e criação colaborativa de informação, tendo multifunção de curadoria e de conteudista multimídia
Monitor das ações de jornalismo colaborativo aberto	Profissional que necessita da expertise de observação de ações de grupos sociais ativos no processo de coleta e disseminação de informações, sendo expoentes indígenas, ativistas LGBTQ, quilombolas e surdos.
Profissional multifacetado	A necessidade de ser formado em jornalismo fica associada a ter conhecimentos de arquitetura da informação, de design, grafismo e produção audiovisual.
Interator	No ambiente colaborativo da Web 2.0, os princípios axiológicos (morais, éticos, e estéticos, entre outros) precisam de um agenciamento para evitar plágios e outros usos indevidos de conteúdos colaborativos pelo veículo. Competência complexa no atual cenário, deve ser desenvolvida por todos os profissionais da redação.
Adaptador	Capacidade também necessária no cenário de transformação tecnológica, é a habilidade de mudar os fluxos informativos, por exemplo, transformar a sala de escuta dos rádios da polícia em monitoramento de grupos policiais no WhatsApp e grupos no mesmo aplicativo

	de moradores de ruas e bairros preocupados com a segurança local.
Fotoperjornalista Digital	Competência relacionada ao avanço tecnológico, consiste na captura das fotos, de forma digital, dando agilidade ao processo jornalístico, enviando quase que em tempo real todo o material capturado nas pautas.
Editor de Imagens (Foto e Vídeo) em PCs	Edita de forma digital as imagens para impressos, emissoras de rádio, e sites, além de vídeos para diferentes plataformas que surgem como as redes sociais. O grande diferencial é atuação fora de ilhas de edição, mas sim em PCs simples usando programas específicos abertos ou pagos, instalados ou nas nuvens da web.
Editor e subeditor com expertise de designer	Elabora as artes e gráficos a serem utilizados como fonte de informação nos diversos veículos, seja na internet ou tradicionais.
Perjornalista em mobile	Competência derivada do avanço dos celulares, é ligada ao uso do aparelho para captar e editar áudios e vídeos, com preocupação quanto à qualidade do som e sincronia entre som e imagem. Uso de aplicativos próprios para apresentação de textos para redação, ferramenta que antecipa retornos e a edição final.
Repórteres e apuradores polivalentes	Competência que preza pela versatilidade do profissional, que atua em todas as plataformas de um mesmo veículo, seja rádio, tv, impresso ou digital. Mudança de linguagem e de enfoque são as exigências mais comuns
Perjornalistas empacotadores	Competência com menor glamour, é aquela que consiste em checagem de novidades em sites certificados, como os do Judiciário, para e reescrita para o site e o ambiente digital, sobretudo nos links das últimas notícias.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor a partir de observação participativa e entrevistas com profissionais do setor

## 5. Considerações finais

Entre as funções e competências identificadas na pesquisa estão algumas que representam evolução *webjornalismo* 1.0 no Brasil (1995 a 2000). Outras são decorrentes da evolução tecnológica acelerada deste milênio. Mas todas são impulsionadas ou motivadas pela expansão da interatividade.

Desafio profissional para quem já estava na redação, este cenário impactou a formação de novos jornalistas, sendo que, em algumas faculdades, disciplinas como Arquitetura da Informação, Mídias Digitais e Jornalismo de Dados passaram a ser oferecidas como obrigatórias na grade curricular.

O ano de 2013, com os protestos contra aumento de passagens, pode ser considerado um marco para as redações brasileiras no que tange a funções e competências relacionadas à interatividade. É fato que mesmo antes desta data já havia essa preocupação adaptativa, mas os protestos e a forma como eles foram organizados gerou uma reação contra a situação de conforto que estavam, sobretudo, os jornais impressos com sites no webambiente.

Usuários autônomos no tocante à geração de conteúdo, anunciantes migrando para redes sociais digitais na chamada nova cadeia do jornalismo digital e a globalização de veículos por meio da web disputando mercado leitor no Brasil, como no caso de jornal espanhol El País, mexeram profundamente com o mercado jornalístico nacional.

A mudança foi tão profunda que questões geradas pelo aumento da colaboração de usuários com os veículos e a impossibilidade de administração desse material pelas redações foram deixadas de lado. Se em outros países programas de gestão foram pensados, aqui o assunto ficou a cargo de soluções caseiras, tais como uso de estagiários ou de respostas automáticas.

Ou seja, a competência ligada à gestão perfeita das colaborações ainda se apresenta como desafio para as redações. A expansão das redes sociais digitais e das trocas de informações por aplicativos como WhatsApp e Tik Tok ainda são elementos a serem melhor administrados pelas redações.

Cabe destacar, porém, ter sido rápida e bem-vinda a reação contemporânea das redações ao avanço das *fakes news*. Este avanço, em decorrência do cenário descrito acima, mexeu com o cenário político nacional, mas fortaleceu o jornalismo a partir das agências de checagem e dos consórcios de mídia para levantamento de mega dados como os relacionados à pandemia do Covid-19, reforçando a competência tradicional dos jornalistas de apuração cuidadosa dos fatos, muito anterior à web.

Por fim, cabe realçar a importância de a academia pensar com as redações uma forma de melhor gestão da interatividade, de modo a fortalecer ainda mais o jornalismo e, com ele, a democracia no país.

## Referências

BRUNS, Axel. **Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o Jornalismo**. Brazilian Journalism Research, vol. 7, num. 11, 2011.

EMERIM, Cárlica. O conceito de telejornalismo contemporâneo à luz da tradição e da inovação. In: Cárlica Emerim; Ariane Pereira; Iluska Coutinho. (Org.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. 1ed. Florianópolis: Insular, 2020

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica: quatro ensaios**. Tradução de Marcus de Martini. São Paulo: É Realizações, 2014 [1957].

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **A Cultura da Conexão: criando valor por meio da mídia propagável**. Trad. Patrícia Arnaud – São Paulo: Aleph, 2013.

LATORRE, Marino. **Historia de las WEB, 1.0, 2.0, 3.0 y 4.0**. Universidad Marcelino Champagnat. Marzo, 2018.

NETTER, Frank H. **Atlas de Anatomia Humana**. 4 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

PERRENOUD, Philippe. MAGNE, B. C. **Construir: as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. Da anatomia do telejornal midiático: metamorfoses e narrativas múltiplas. **Brazilian Journalism Research**, São Paulo, v. 8, n. 2, p.118-134, 05 jul. 2016. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/427>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

REIS, Marco Aurelio; THOMÉ, Cláudia. Novas funções e competências em jornais do Rio ante o avanço das redes sociais digitais. In: **41º Intercom, Joinville (SC)**, Anais eletrônicos, 2018. Disponível em [encurtador.com.br/flsEG](http://encurtador.com.br/flsEG). Acesso em: 10 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. Novas funções e competências em emissoras de rádio ante o avanço das redes sociais digitais. In: **40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, Anais eletrônicos, 2017. Disponível em [encurtador.com.br/fwJO5](http://encurtador.com.br/fwJO5). Acesso em: 20 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. Um olhar sobre o papel do Whatsapp nas redações dos principais jornais do Rio. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 20, n. 2, p. 95–112, 2017. DOI: 10.5216/ci.v20i2.45676. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/45676>. Acesso em: 28 jul. 2021.

REIS, Marco Aurelio. **25 anos do pioneiro JB Online: As funções e Competências no webjornalismo 1.0 no Brasil**, no prelo, 2021.

GONZÁLEZ MANZANERO, Remei. **Os comentários digitais de usuários em jornais online: análise de coerência e interatividade**. *Círculo de Linguística Aplicada à Comunicação*, v. 83, pág. 77-92, 9 de julho 2020.

SILVA, Sivaldo Pereira da. **TV digital, democracia e interatividade**. In: NUNES, Pedro (Org.) *Mídias digitais e interatividade*. João Pessoa: Ed Universitária da UFPB, 2009

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

THOMÉ, Cláudia; REIS, Marco Aurelio. **Novas funções e competências no telejornalismo regional**. In: COUTINHO Iluska e EMERIM, Cárlica (org). **Telejornalismo local: teorias, conceitos e reflexões**. Florianópolis: Editora Insular, 2019.

THOMÉ, Cláudia; PICCININ, Fabiana; REIS, Marco Aurelio. **Anatomias narrativas do Telejornalismo contemporâneo e seus elementos certificadores**. In: EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. (Orgs.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2020, v. 9, p. 159-196.

YIN, Robert. **Pesquisa Estudo de Caso - Desenho e Métodos** (2 ed.). Porto Alegre: Bookman, 2001.